

## LEITURA 08.1

**BASTIDE, Roger & FERNANDES, Florestan. O preconceito racial em São Paulo; projeto de estudo. In: HIRANO, Sedi, Org. Op. cit. Capítulo 6. p. 135-66**

### O Preconceito Racial em São Paulo\* (projeto de estudo)

ROGER BASTIDE e FLORESTAN FERNANDES

#### 1. "PROJETO DE ESTUDO" E "PLANO DE PESQUISA"

Este relatório constitui um "projeto de estudo" e não um "plano de pesquisa". É comum a confusão entre os dois instrumentos de trabalho do sociólogo. Todavia, o primeiro situa-se em um nível puramente abstrato, desenvolvendo-se em um terreno de possibilidades teóricas, embora referidas à situação de fato. Enquanto o segundo toma em consideração as condições concretas e as possibilidades reais de organização, direção e realização da pesquisa, quer quanto à delimitação e à abordagem do objeto, quer quanto à seleção do pessoal, ao custo, à duração e à marcha da investigação.

A preparação de um projeto de estudo «em sempre é necessária. Mas, desde que seja empreendida, concentra naturalmente a atenção do pesquisador sobre problemas que teriam importância secundária na elaboração de um plano de pesquisa. A menção deste aspecto do assunto é indispensável, senão para justificar, pelo menos para esclarecer *porque* o presente relatório foi desenvolvido tendo em vista somente determinados problemas.

#### 2. ORIENTAÇÃO SEGUIDA NA ELABORAÇÃO DO PROJETO DE ESTUDO

A elaboração de um projeto de estudo não está sujeita a normas fixas. O pesquisador precisa ajustar-se a condições que variam consideravelmente, em função das causas que podem determinar o desejo ou a necessidade de conhecer-se cientificamente uma dada situação ou fenômeno social, do conhecimento prévio sobre o assunto (em geral e em particular), dos recursos prováveis (quanto ao pessoal, ao financiamento, aos meios de locomoção e de contacto com as pessoas ou instituições a serem investigados), do tempo calculado para a duração das pesquisas a realizar-se, etc. Daí a conveniência de indicar-se, com a maior clareza e objetividade possíveis, a orientação seguida na preparação de um projeto de estudo, ainda que este se destine ao exame e à crítica de co-participantes da investigação.

A Sociologia, como outras ciências, não dispõe de técnicas capazes de garantir a uniformidade de ajustamento ao objeto; tornar explícitos os princípios adotados na preparação de um projeto de estudo parece ser, assim, a primeira condição para o entendimento objetivo entre os pesquisadores que colaboram na mesma investigação. Ora, o estudo projetado no presente relatório reúne diversas condições insatisfatórias, do ponto de vista científico. Primeiro, ele visa a um objeto, o preconceito racial, cuja natureza e função estão longe de ser bem conhecidos pela Sociologia. A própria noção de "preconceitos" não tem sido empregada de maneira uniforme e, portanto, segundo uma conotação precisa e invariável. (1) Segundo, o conhecimento prévio disponível se refere a situações de contacto caracteristicamente distintas da que se dá em São Paulo. As investigações cujos resultados positivos poderiam ser aproveitadas produtivamente foram realizadas nos Estados Unidos, e dizem respeito a condições de ajustamento inter-racial baseadas na segregação e em uma combinação dos regimes de castas e de classe.(2) Do modo que essas investigações não poderão ser aproveitadas senão comparativamente e mais no plano da Sociologia geral, com um objetivo restrito: o de conhecer-se a natureza e a função do preconceito racial.(3) Terceiro, os recursos acessíveis, quanto ao financiamento, à composição do pessoal e à duração material da investigação (quase de três semestres), sobrepõem aos ideais estritamente científicos de conhecimento exaustivo da realidade investigado limites sérios e embaraçantes. Por último, o estudo deve ser projetado em bases científicas, mas tem uma origem e um fim que são igualmente *extra-científicos*: destina-se a uma instituição, a UNESCO, que o solicitou com o propósito de servir-se de seus resultados na reeducação social dos adultos e em sua política básica de aproximação das raças. Embora a natureza do trabalho não seja afetada por causa disso, o fato é que a seleção de problemas a serem investigados e a própria delimitação do âmbito da investigação foram amplamente influenciadas por essa circunstância.

Em conseqüência, o projeto de estudo foi elaborado sob a preocupação fundamental de combinar, proporcionando-os entre si à medida do possível, três critérios principais: o informativo, o descritivo e o interpretativo. Todo o item I do esquema do projeto (cf. adiante), procura corresponder à necessidade de dar informações básicas e precisas, sobre o desenvolvimento da situação de contacto em São Paulo. O critério descritivo está mais, ou menos presente nos itens II-V, embora prevaleça no item II, destinado a congregar os conhecimentos sobre o contexto social do fenômeno particular a ser investigado (o preconceito racial ou de cor). O critério interpretativo, da mesma maneira, aparece com alcance variável em todos os itens do projeto; mas só atinge vigência plena no item VI, em que encontram acolhida as preocupações estritamente teóricas.

#### 3. HIPÓTESES DIRETRIZES

As hipóteses diretrizes na interpretação de um fenômeno são construídas, em parte, graças ao *modo peculiar* de encarar o objeto. Daí a necessidade de ter-se sempre em vista, com a maior clareza possível, o método de interpretação adotado e suas implicações teóricas, especialmente as conceptuais e as que se refletem na seleção das "técnicas" e dos "métodos" operativos de pesquisa ou na própria delimitação

da esfera da realidade a ser investigado.

Ainda0 que não seja universalmente aceito por todos os sociólogos (4) o método que oferece maiores garantias de exatidão a Sociologia empírica é aquele que considera os fenômenos particulares investigados em seu modo de integração ao contexto social. Durkheim formulou muito bem o princípio implícito nessa maneira de encarar os fatos sociais ao escrever que "*a origem de todo processo social de alguma importância deve ser procurada na constituição do meio social interno*". (5) Embora a contribuição metodológica de Durkheim mereça ser revista em face das descobertas científicas posteriores (especialmente: a moderna colocação dos problemas de "função" não permite mais falar nas "causas eficientes" dos fenômenos sociais exatamente nos termos durkheimianos), esse é um princípio heurístico básico para todos os sociólogos que concebem a sociedade, e os fenômenos de interação humana que nela se desenrolam, como uma *realidade social*.

A primeira questão, que se impõe naturalmente à discussão, consiste em indagar se o preconceito é suscetível, ou não, de receber semelhante tratamento. Em seu sentido mais amplo, "preconceito" é um termo que abrange imputações estereotipadas, tanto negativas quanto positivas, de atributos a objetos, pessoas e valores.(6) Assim compreendido, o preconceito pode ser investigado sociologicamente e fornece o seguinte grupo de problemas sociológicos: 1) a formação do preconceito, que constitui um fenômeno social à medida em que a seleção e a objetivação cultural dos atributos, e sua imputação a objetos, pessoas e valores, se processam sob o influxo e em resposta às condições materiais e morais da convivência humana; 2) a exteriorização do preconceito, que é regulada socialmente, subordinando-se em cada sociedade a códigos éticos e de etiqueta, cujas regras, formais ou informais, estabelecem os limites de flutuação do comportamento individual; 3) a integração do preconceito à cultura, à medida em que a significação ideológica dos estereótipos, a associação deles em um complexo inclusivo e a importância relativa deste complexo na cultura como um todo se vinculam, exprimem ou são produzidas por interesses sociais determinados; 4) a função social do preconceito, que permite explicar as relações deste fenômeno com a dinâmica social e distinguir entre si os vários tipos ou subtipos de preconceito; 5) a transformação do preconceito, quase sempre ligada de modo imediato à transformação da ordem social. Em síntese, o preconceito é suscetível de receber um tratamento sociológico e os cinco grupos de problemas abrem perspectivas de investigação cuja constante analítica vem a ser a referência à "constituição do meio social interno".

É óbvio que o preconceito racial constitui uma das modalidades do fenômeno considerado, aquela em que as *diferenças raciais* reais ou imaginárias, representadas etnocentricamente, se tornam as fontes ou os canais de seleção dos atributos imputativos estereotipáveis. Ele já foi definido sociologicamente como "um mecanismo de consciência grupal, que atua reflexiva e automaticamente em resposta a seus próprios estímulos".(7) Nesse sentido, parece que o preconceito racial tende a desenvolver-se como consequência natural do contacto intermitente ou contínuo de pessoas ou grupos de pessoas pertencentes a "raças" diversas, sempre que condições de desigualdade econômica e social contrastam marcas raciais com discrepâncias notórias quanto às ocupações, às riquezas, ao nível de vida, à posição social e à educação. A elevação dos contrastes à esfera de consciência social e a formação dos estereótipos raciais correspondentes se operam por meio de avaliações etnocêntricas, desencadeadas, graduadas e conduzidas como efeitos dos processos sociais responsáveis pela criação de uma ordem social de ajustamento inter-racial. Por isso, a formação do preconceito racial não é um processo unilateral, em uma dada situação de contacto, e produz resultados que variam de uma situação de contacto para outra, apesar da atuação uniforme de certos fatores sociais. Quanto à situação de contacto surgida no Brasil com a importação de escravos africanos, que nos interessa aqui, pouca atenção foi dispensada até o presente à formação de estereótipos raciais na população negra e em seus descendentes mestiços. Todavia, parece que a aceitação tácita da ideologia racial dos brancos se processou como consequência da aceitação dos direitos imanentes à dominação da "raça" branca e do reconhecimento de sua legitimidade. Em seus traços essenciais, essa situação é passível da seguinte caracterização sociológica, com referência ao preconceito racial:

- a) a formação do preconceito racial constitui uma condição da acomodação de brancos e pretos em uma ordem social escravocrata;
- b) alguns estereótipos raciais se incorporaram ao sistema de *mores* da sociedade, escravocrata, mas antes da abolição eles já haviam perdido esse caráter;
- c) o preconceito racial não chegou a alcançar, regularmente, expressões ostensivas ou violentas no período de escravidão e depois se conservou de modo latente na conduta dos brancos;
- d) as inconsistências do preconceito racial em face do *status* de "cidadão" não foram submetidas à crítica aberta, após a abolição, senão tardiamente, e assim mesmo só nos centros urbanos;
- e) a integridade da antiga ideologia racial, com o desaparecimento da ordem social escravocrata e com a competição dos negros no mercado livre de trabalho está sendo abalada mais ou menos profundamente graças à alteração da situação de contacto, produzida pela imigração, por movimentos de população internos e pelo desenvolvimento das classes sociais.
- f) a desintegração da antiga ideologia racial, onde ela está se desenrolando parece afetar o preconceito racial de modo heterogêneo: 1) criando condições favoráveis à transferência dos estereótipos raciais contra os negros da esfera de consciência social para a de reflexão racional e de crítica ideológica (principalmente no seio da população negra dos centros urbanos); 2) modificando relativamente a posição da população negra na situação de contacto e as condições de ajustamento inter-racial, especialmente no que diz respeito às expectativas de comportamento dos brancos; 3) contribuindo para perpetuar estereótipos raciais contra os negros, os quais estão se integrando à cultura urbana através da retenção em círculos sociais ligados à antiga sociedade escravocrata ou através de incorporação à cultura de grupos de imigrantes.

Quais são, porém, as implicações da aplicação do método indicado ao estudo do preconceito racial? O preconceito racial não é, em si mesmo, um componente imediato da estrutura social. Mas interfere no ajustamento de seres humanos em situações sociais que se repetem, isto é, em situações sociais que fazem parte da estrutura social ou da esfera de ajustamentos espontâneos da organização social, sujeitos no entanto a controle social. O preconceito racial e os padrões de comportamento a ele associados *exprimem*, pois, maneiras de estar ligados no todo e pelo todo social. Embora não seja um simples epifenômeno da vida social o preconceito racial reflete necessariamente todas as flutuações e

transformações de importância que se operam nas referidas situações sociais. Seu significado e sua função se alteram continuamente, no curso da evolução das sociedades; ou então ele desaparece, dando muitas vezes lugar a outras formas de preconceito, porque perde sua razão de ser com o desaparecimento das situações sociais de vida que comportam sua formação e desenvolvimento.

Esse modo de conceber o preconceito racial, como conexão do "meio social interno", implica três consequências fundamentais, que dizem respeito à focalização, à conceptualização e à interpretação do fenômeno como uma realidade social. Quanto à focalização, é evidente que o preconceito racial, assim concebido, cai sob o campo de análise sociológica em termos da função por ele desempenhada no sistema de relações sociais. É deste ângulo que se pode compreender e explicar "como" e "porque" o preconceito racial, com os padrões de comportamento e as práticas coletivas correspondentes, se forma, se perpetua e se transforma. As condições de estabilidade e de mudança desse fenômeno são proporcionadas pela sociedade. Através de suas duas esferas, a que abrange as situações de vida regulamentadas socialmente e a constituída por situações de vida *in flux*, ainda livres de qualquer espécie de controle ou em processos incipientes de regulamentação social, a sociedade condiciona e determina a dinâmica do preconceito racial. Por recorrência, como conexão do "meio social interno", ele atua reversivamente sobre as duas esferas, interferindo na integração da estrutura social e na perpetuação ou transformação da ordem social existente.

Quanto à conceptualização, o método adotado permite aceitar e aproveitar teoricamente um mínimo de noções centrais estabelecidas pelo uso popular e pelo emprego científico corrente do termo. Especialmente, ele comporta a manipulação do conceito em um sentido lato, de modo a reter com o manifestações do preconceito racial todas as exteriorizações regulares do comportamento humano e todas as objetivações sociais, que resultam ou conduzem a estereótipos (ou representações coletivas) baseados na crença de que as diferenças raciais, reais ou imaginárias, são as causas eficientes da desigualdade psíquica e social dos seres humanos. Todavia, graças à natureza do fenômeno a que se aplica, a delimitação conceptual operada pela aplicação do método indicado se singulariza com relação ao uso popular e ao emprego científico corrente do termo; o caráter descritivo e neutro do vocábulo é acentuado com nitidez. Na verdade, a noção de preconceito racial pertence àquela categoria de termos sociológicos cuja delimitação conceptual depende da plena adequação do vocábulo à realidade ou situação particular investigado. Os resultados da crítica deste conceito são muito interessantes, pois demonstram que as possibilidades dos procedimentos básicos de conceptualização, utilizados na Sociologia, variam de acordo com a natureza dos fenômenos investigados. Tanto a conceptualização pela abstração do geral, quanto a conceptualização pela abstração do típico, apresentam sérias limitações: ambas salientam como essencial o que é somente uma implicação do fenômeno, o modo de consciência social e de tratamento recíproco; a conceptualização pela abstração da função, por sua vez, colide com a impossibilidade criada pelo fato de não ser o preconceito racial um componente imediato da estrutura social: em consequência, ele possui não uma, mas diversas funções manifestas ou latentes. Daí a necessidade de procedimento histórico, de conceptualização pela particularização - usado indiscriminadamente por alguns sociólogos e repellido da mesma maneira por outros - o qual permite operar com o conceito combinando a elasticidade à precisão.(9)

Quanto à interpretação do preconceito racial é que se colocam os problemas mais delicados. Teoricamente, não se levantaria nenhuma dificuldade; as implicações do método de interpretação sociológica escolhido são bastante claras a esse respeito. Para satisfazê-las bastaria orientar as pesquisas de modo a identificar e a isolar as condições e os fatores causais que intervierem tipicamente na formação e no desenvolvimento do preconceito racial em São Paulo. Ou seja, seria suficiente encarar esse fenômeno do ponto de vista das correlações com a integração e a evolução da estrutura social. Porém, a ideologia racial elaborada através dos ajustamentos de brancos e pretos à ordem social escravocrata era uma ideologia de acomodação, e embora fosse em suas origens demasiado rigorosa e deprimente com relação à pessoa dos negros, não comportou exteriorizações violentas, de modo regular, do preconceito racial. As modificações nas condições de ajustamento inter-racial, introduzidos ou provocados pela abolição, não alteraram tão profundamente a posição social recíproca dos dois grupos raciais, a ponto de produzirem antagonismos sociais permanentes, e a transtornarem o caráter das relações entre brancos e pretos. A antiga ideologia racial não entrou em colapso imediato nem perdeu a função que possuía na ordem social escravocrata: a alteração no "status" social do negro foi meramente legal. Em consequência, os ressentimentos criados em algumas esferas da população branca pela abolição não chegaram a intensificar as manifestações do preconceito racial, que continuou a ser exteriorizado socialmente de forma discreta e branda. E os negros não conseguiram condições sociais de vida que favorecessem a transferência dessas manifestações do preconceito racial do plano da consciência social para o da crítica ideológica. Sob o manto da igualdade jurídica e política, mantinha-se não só a desigualdade econômica e social entre brancos e pretos, mas ainda a antiga ideologia racial, com todas as ilusões que ela encobria. O desenvolvimento posterior do regime capitalista e das classes sociais é que iria solapar a antiga ideologia racial destruindo as estruturas sociais que a suportavam e modificando as condições de ajustamento inter-racial.

Esse quadro complexo apresenta tais dificuldades à compreensão global, que chegou a desorientar mesmo especialistas de rigorosa formação científica. Donald Pierson, por exemplo, apresenta os resultados das pesquisas que realizou na Bahia de tal maneira, que a transcrição e o exame de algumas explanações contidas em sua obra merecem uma atenção especial. "Existe na Bahia pouco preconceito de raça (se é que existe), no sentido em que este termo é usado nos Estados Unidos. Não existem castas baseadas na raça: existem somente classes. Isto não quer dizer que não exista algo que se possa chamar propriamente de "preconceito", mas sim que o preconceito existente é um preconceito de classes e não de raça. É o tipo de preconceito que existe entre os próprios homens de cor nos Estados Unidos, cuja intensidade na verdade é bem grande".(10) Diante, o autor assevera o seguinte: "Provavelmente, a situação racial na Bahia, pelo menos de modo geral, é típica de todo o Brasil. Ao mesmo tempo, a considerável imigração de europeus, durante o último século, para os Estados meridionais, especialmente São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, e o desenvolvimento gradual de uma sociedade industrial em São Paulo, podem, até certo ponto, ter modificado as atitudes anteriormente prevalecentes nestas áreas"; o estudo de intercasamento, feito em São Paulo por Samuel Lowrie, parece apenas confirmar o fato de que no Brasil, ainda hoje, o negro, na maioria dos casos, "não tem classe". (11) A circunspeção científica da exposição não oculta as indecisões do especialista.

Para os fins da presente discussão, poderemos circunscrever o exame dessas explanações a três argumentos críticos. Primeiro, a afirmação de que o "preconceito de cor" no Brasil é um preconceito de classe não colide com a forma de seleção e de imputação dos atributos, que apanha as diferenças ou as marcas raciais? Ao contrário do que afirma, parece que "o preconceito de cor" existe em várias regiões do Brasil e penetra,

em maior ou menor grau, todas as classes sociais, sem contudo associar-se a manifestações ostensivas. Segundo, o autor supõe que a imigração e a industrialização teriam produzido os mesmos resultados na alteração da situação de contacto. No entanto parece que a correlação do "preconceito de cor" com os dois processos sociais apresenta aspectos peculiares. Enquanto que o "preconceito de cor" está sendo aceito e incorporado à cultura de vários grupos de imigrantes, as condições de industrialização de São Paulo e seus efeitos estão favorecendo direta ou indiretamente a ascensão profissional e económica dos negros, e estão produzindo um ambiente acessível à participação mais íntima do negro na vida social urbana (12) ou contribuindo para introduzir os ideais de vida urbana em sua cultura. (13) Terceiro, é considerada "típica" para o Brasil uma situação de contacto que não foi caracterizada tipologicamente, nem empírica nem idealmente. Este argumento dispensa comentários, pois se liga aos demais apenas de modo indireto: é que os resultados das pesquisas efetuadas na Bahia não podem, do ponto de vista científico, ser tomados como base para a caracterização em geral da situação de contacto racial, entre brancos e pretos no Brasil. Demograficamente, o homem de cor supera o branco na Bahia, ao contrário do que acontece em São Paulo. Além disso, a situação da Bahia está mais próxima da sociedade patriarcal e paternalista que no sul do país e o negro não se sente inferior ao branco porque as culturas africanas se conservam mais.

Essas reflexões críticas demonstram a necessidade de um conjunto de hipóteses diretrizes, como base estratégica para a investigação do fenômeno. A idéia de que não existe "preconceito de cor" no Brasil é muito difundida, particularmente entre os brancos, (14) a ponto de constituir uma *pressão* com que se deva contar preliminarmente, na elaboração de um projeto de estudo. A compreensão global do fenômeno, visto como uma conexão do "meio social interno", presumivelmente oferece uma perspectiva segura para seu conhecimento objetivo, ao mesmo tempo que representa uma fonte intelectual de defesa contra a aludida espécie de pressão externa.

Três são as hipóteses diretrizes selecionadas como essenciais. O fundamento comum delas é a noção de que o preconceito racial constitui um processo social, e não biológico; em suma, a situação social de cada grupo racial e a posição recíproca de cada um diante do outro, ambas instáveis, e que condicionam culturalmente a formação dos estereótipos raciais e que determinam socialmente o significado e a função deles, por sua vez tão estáveis quanto o podem ser os mencionados fatores causais. A primeira hipótese permite lidar de maneira homogênea com casos individuais aparentemente desconexos. A aceitação ou a tolerância para com as "pessoas de cor" variam em São Paulo de uma classe social para outra e, em cada uma, principalmente de um grupo étnico para outro. Doutra lado, a igualdade social entre brancos e pretos nem sempre obriga ao tratamento simétrico, pois graças à interferência da cor a igualdade social não é regularmente acompanhada por representação de *status* equivalentes. Por isso, o pesquisador pode defrontar-se com exteriorizações de atitudes e de comportamento que o levam ora a admitir a existência do preconceito racial, ora asseverar o contrário. A hipótese em questão liga, no entanto, as diferentes exteriorizações de atitudes e de comportamentos: *as flutuações da conduta dos brancos diante dos negros se explicam pela complexidade da situação de contacto e em vez de serem um índice da inexistência do preconceito racial constituem, ao contrário, um sintoma de que a intensidade com que ele se manifesta varia até um extremo limite.*

A segunda hipótese tem por objetivo apreender a vinculação do "preconceito de cor" com a dinâmica social. Parece que as flutuações de atitudes e de comportamentos dos brancos com relação aos negros não são uma manifestação isolada e que tão pouco elas se explicam por si mesmas. Outros fenômenos se combinam coerentemente com elas, indicando a existência de um processo social inclusivo. De fato, é provável que as flutuações de atitudes e de comportamentos não sejam arbitrarias. Os focos conhecidos de concentração do "preconceito de cor" - os "centros de oposição" ao negro e os círculos sociais ligados às classes dominantes do período escravocrata ou a grupos de imigrantes e seus descendentes - insinuam que a desagregação da antiga ideologia racial está se processando de modo a permitir a reintegração do "preconceito de cor" à cultura urbana. Doutra lado, a incorporação de valores sociais urbanos à cultura dos negros está produzindo efeitos susceptíveis de alterar profundamente as condições de ajustamento inter-racial; acentua-se dia a dia a disposição dos negros para "forçar a situação", apresentando-se em lugares ou em reuniões e candidatando-se a serviços de que eram tácita mas eficientemente excluídos pela tradição. Esse desenvolvimento coincide com o considerável alargamento de oportunidade no mercado de trabalho, com a elevação geral do nível de vida, com a intensificação dos contactos secundários e com a organização de movimentos sociais de aproximação ou de agitação raciais. A seguinte formulação, segundo presumimos, dá à hipótese suficiente elasticidade, para compreender um processo social tão complexo: *o desenvolvimento das classes sociais e do regime econômico capitalista em São Paulo, uma sociedade étnica e racialmente heterogênea, estão se processando de modo a modificar as condições sociais de ajustamento inter-racial entre brancos e pretos, o que se reflete na transformação da antiga ideologia racial e, por consequência, nas formas de exteriorização e na Junção do "preconceito de cor".*

A terceira hipótese está naturalmente destinada à adequação da inteligência aos aspectos prospectivos da correlação do preconceito racial com a dinâmica social. Por seu intermédio pretendemos conduzir a investigação além das atualizações do "preconceito de cor" no presente e além do conhecimento *post factum* de suas origens sociais e das suas transformações contemporâneas, controláveis pelos próprios efeitos de sua manifestação. A importância do "preconceito de cor" no passado, como fator de ajustamento entre brancos e pretos, pode ser facilmente representada através do estudo da etiqueta das relações raciais. Atrás da cordialidade, da intimidade e mesmo da afetividade transparente nas relações sociais dos brancos com os pretos se ocultavam regras sociais, cujo reconhecimento, ainda hoje é possível. As duas regras básicas, presumivelmente, estipulavam que não seria de bom-tom nem a exteriorização dos sentimentos dos brancos com relação aos pretos na presença destes; nem se isto acontecesse, que os pretos revistassem, manifestando os sentimentos reais desencadeados por semelhantes experiências. A desaprovação a ambas as condutas foi, e continua a ser em nossos dias, definida e forte. O adestramento para enfrentar tais situações começa, normalmente, muito cedo e cabe às mulheres orientá-lo. O tabu e a magia da "cor" tornam-se uma fonte de constrangimento e um terreno proibido, em que não se aventuram em suas conversações sequer os brancos e pretos amigos ou aparentados. O lado desagradável do intercâmbio emocional assim estabelecido com os brancos consiste, para os pretos, na quebra do princípio de reciprocidade, aplicado de dois modos distintos na mesma sociedade: um, quando se trata das relações dos brancos entre si; outro, quando se trata das relações dos brancos com os negros.

Todavia, a etiqueta de relações raciais em questão foi elaborada em um mundo rural; a vigência das regras nela prescritas depende da repetição de situações sociais pouco complexas, que as engendraram e do amplo funcionamento de controles pessoais e diretos. Isso quer dizer que a antiga ideologia racial não encontra na moderna sociedade urbana condições favoráveis a sua perpetuação como um todo e que a

desagregação dela é algo socialmente inevitável, embora muitos dos elementos culturais que a compunham possam ser selecionados e reintegrados à cultura urbana. Como o "preconceito de cor" conta entre esses elementos visivelmente quanto a dois aspectos já mencionados, é óbvio que a investigação deverá ser conduzido nessa direção. Os efeitos do colapso da antiga ideologia racial se fazem sentir em vários sentidos; os mais importantes são, provavelmente: a desorientação dos brancos com relação às atitudes a tomar diante do negro; a indecisão dos pretos, cujas aspirações e movimentos sociais vão contraditoriamente do ideal de união com os brancos ao de segregação, segundo o modelo norte-americano. Sem dúvida, o estudo das atitudes manifestadas por brancos e pretos é, por assim dizer, uma condição prévia para o conhecimento da nova ideologia racial que está sendo elaborada e da posição do "preconceito de cor" dentro dela. Porém, há interesses sociais em choque. A pressão de certos círculos sociais da população branca, que visa a preservar o "preconceito de cor", colide com a pressão em sentido contrário, resultante da ascensão social do negro e do combate aberto à "oposição racial velada", exercida pelos brancos. As atitudes dos brancos e dos pretos podem oscilar continuamente, ao sabor das Autuações desse choque de interesses sociais, dando lugar às crises de ressentimento do negro talvez mais pronunciado que antigamente. O mesmo não acontece quando se considera o problema do ângulo da evolução da estrutura social. O desenvolvimento das classes sociais, concomitante à intensificação do progresso industrial e urbano de São Paulo, fornece um ponto de referência para acompanhar a repercussão dos interesses sociais nas atitudes raciais e um elemento prospectivo para identificar a provável orientação do processo.

Em síntese, a terceira hipótese abrange um extenso número de argumentos: as transformações que estão se processando na estrutura social tendem a refletir-se na situação profissional e econômica dos negros, e abrindo-lhes oportunidades coletivas de acesso à competição no mercado livre de serviços, inclusive em setores que antigamente só lhes eram abertos por exceção, e de participação ativa das classes sociais, às quais estão se incorporando ao lado dos brancos. A forma de "preconceito de cor" herdado do passado corresponde a um mundo moral em que o choque de interesses sociais entre os grupos raciais era disfarçado sob as regras de polidez e regulado por noções de lealdade, desenvolvidas por controle pessoais e diretos. *Presume-se que essa forma de "preconceito de cor" se modificará, de maneira a integrar-se às condições sociais de ajustamento inter-racial em uma sociedade de classes:*

*a) perdendo lentamente sua força inibidora ou coatora sobre o comportamento dos negros;*

*b) assumindo uma expressão provavelmente mais ostensiva nos círculos sociais ou nos grupos étnicos dos brancos em que se perpetuar, como símbolo social de status (real ou compensatório) e como meio de defesa econômica.*

Essas três hipóteses não são, é óbvio, "hipóteses para verificação", inferidos empiricamente, por meio de pesquisa anterior; mas hipóteses de trabalho baseadas no conhecimento prévio dos quadros reais das pesquisas e formuladas com o fim de orientar teoricamente a pesquisa. Por isso, a qualquer momento no decorrer da realização desta, elas poderão ser: a) retificadas, se verificar-se que são parcialmente lacunosas; b) substituídas, se positivar-se a necessidade de hipóteses mais compreensíveis ou mais adequadas; c) abandonadas, se patentear-se que são completamente inadequadas ou improdutivas. Elas se justificam teoricamente, no entanto, por duas razões. Primeiro, porque permitem articular entre si os diferentes aspectos do fenômeno particular a ser investigado, segundo as implicações do método de interpretação sociológica adotado. De fato, as três hipóteses apanham os aspectos essenciais do preconceito racial como uma conexão do "meio social interno". Enquanto a primeira lida com as atualizações sociais do "preconceito de cor" no presente, captando-os em termos de integração e de função na estrutura social; a segunda conduz à identificação das origens histórico-sociais do "preconceito de cor" e à explicação *post factum* de suas manifestações observáveis; e a terceira focaliza o "preconceito de cor" fundamentalmente como uma realidade social em mudança. Segundo, porque elas pressupõem, como já foi indicado, que o preconceito racial é um processo social. De acordo com as implicações das três hipóteses, a "raça" apenas fornece os atributos que são selecionados e imputados socialmente a determinados sujeitos, em determinadas condições de existência social; ela não é representada, nem sequer ficticiamente, como uma "substância" do preconceito racial. Em outras palavras, nela se encontram as matérias-primas do preconceito racial, isto é, dos estereótipos, dos símbolos sociais, dos padrões de comportamento e das práticas coletivas que, em cada sociedade (e em cada época histórico-social na evolução de cada sociedade), constituem o que se entende sociologicamente por preconceito racial. As causas e o modo de elaboração dessas matérias-primas estão na "sociedade" - não nas "raças". Como se vê, esta razão não é tão secundária como parece à primeira vista. Ela contém os argumentos em que repousa a concepção científica de que o preconceito racial é um fenômeno tão variável de um tipo social para outro, que tanto pode associar-se a configurações sociais em que o ajustamento racial tende a processar-se por estratificação interétnica (segundo princípios de organização em castas ou estamentos), quanto a configurações sociais em que o ajustamento racial tende a processar-se por fusão biológica e cultural (segundo princípios de organização em classes sociais). (15)

As três hipóteses dritrizes não bastam, porém, para orientar teoricamente a pesquisa. Elas permitem ligar, no estudo do "preconceito de cor", o presente ao passado e ao futuro. Mas retêm somente o que é mais geral na situação investigado. Seria necessário completar o alcance delas, acrescentando-lhes hipóteses suplementares ou subordinadas, adequadas aos aspectos particulares analiticamente mais significativos para o conhecimento do fenômeno. Essas hipóteses, por enquanto, são em número de quatro, e podem ser representadas, sumariamente, da seguinte maneira:

a) A desintegração da antiga ideologia racial está se processando de modo seletivo, tendendo a ser mantidos os elementos consistentes com as modernas condições de existência social. Em consequência, é provável que a retenção do "preconceito de cor" em certos círculos sociais e a sua aceitação em vários grupos étnicos correspondam a necessidades sociais bem determinadas; como por exemplo: de preservação de *status* em uma fase de mudança social; de identificação com as camadas dominantes "tradicionais", consideradas "aristocráticas"; ou de compensação, em casos particulares de ambos os setores.

b) Elementos da antiga ideologia racial, que estão sendo selecionados positivamente no novo meio urbano, conservam a forma mas tendem a mudar de função. As representações coletivas sobre o negro, por exemplo, visavam a justificar, na sociedade escravocrata, a exploração dos pretos pelos brancos; mas parece que agora elas estão assumindo a função de exprimir a distância social.

c) Presume-se que existe uma relação direta entre a incorporação de valores sociais urbanos à cultura e à mentalidade dos pretos e a influência que eles poderão exercer colericamente na desagregação da antiga ideologia racial e na modificação do padrão correspondente de "preconceito de cor". Nesse sentido, o ritmo lento com que se processou até agora a substituição do equipamento cultural tradicional dos negros parece ser um dos fatores negativos na competição deles com os brancos, principalmente os pertencentes aos diversos grupos de imigrantes e seus descendentes. De outro lado, o ressentimento do negro contra as formas antigas do "preconceito de cor" e as lembranças da escravatura, como da antiga concorrência no artesanato, na qual ele foi vencido pelo imigrante, parecem atrasar a modificação das ideologias raciais.

d) Parece que a ascensão social do negro, resultante da sua integração coletiva às classes sociais, está produzindo o alargamento do círculo de relações sociais dos brancos com os pretos, em algumas camadas sociais, e solapando, nelas, a antiga aplicação dúplice do princípio de reciprocidade. Explicar-se-ia, assim, a crescente aceitação dos pretos nessas camadas sociais.

#### 4. ESQUEMA DO PROJETO DE ESTUDO DO PRECONCEITO RACIAL EM SÃO PAULO

##### I - Do "escravo" ao "cidadão":

- a) evolução da situação de contacto;
- b) as representações coletivas sobre o negro;
- c) o elemento negro na população de São Paulo.

##### II - Brancos e pretos em uma sociedade de classes:

- a) contactos raciais e situação de classes;
- b) a situação econômica dos negros: consciência de classe e consciência racial.

##### *O preconceito racial em São Paulo - 155*

##### III - As manifestações do preconceito racial:

- a) oposição velada e capitulação passiva;
- b) as barreiras raciais no peneiramento social;
- c) miscigenação e intercasamento.

##### IV - Os efeitos do preconceito racial:

- a) as ideologias raciais na formação da personalidade de brancos e pretos;
- b) o ajustamento inter-racial e a conservação da ordem social existente;
- c) o controle das tensões raciais;
- d) a infiltração como processo da ascensão social dos negros.

##### V - Impactos da mudança social:

- a) urbanização, industrialização e secularização da cultura como fatores de solapamento das barreiras raciais;
- b) sintomas de reintegração do sistema de relações raciais;
- c) tendência da reintegração do sistema de relações raciais.

##### VI - Resultados finais:

- a) forma, natureza e função do preconceito racial em São Paulo;
- b) as correlações do preconceito racial com os fatores de estabilidade e de mudança sociais.

#### 5. POSSIBILIDADES DE APLICAÇÃO DO PROJETO

Quanto às possibilidades de aplicação do projeto, é óbvio que não caberia aqui senão a apreciação dos meios de investigação, adequados à observação e no conhecimento de cada um dos problemas básicos abrangidos pelo esquema exposto acima. Por isso, será necessário examinar separadamente os tópicos em que cada parte se subdivide, tendo em vista as possibilidades "teóricas" de realização do projeto.

**I - Do "escravo" ao "cidadão":** Nesta parte é preciso estudar os principais aspectos do processo através do qual os pretos passaram do

*status* de "escravo" para o de "cidadão" ou de "homem livre". A pesquisa deve compreender tanto as consequências jurídicas da abolição, quanto a lenta ascensão econômico-profissional e social dos negros, que se vem realizando a partir do começo do século.

1) Este tópico é dedicado ao estudo dos fatores sociais que modificaram as condições do ajustamento inter-racial entre brancos e pretos, do período da escravidão aos nossos dias. Por meio dele, poder-se-á acompanhar as flutuações da situação social do negro, em correlação com a transformação da estrutura social.

A abolição é relativamente recente. Ela vai pouco mais além de meio século, que é um período do tempo relativamente curto na história de um povo. Ainda hoje vivem em São Paulo alguns ex-escravos e ex-senhores; uma das possibilidades de conhecimento sociológico desse período consiste em explorar sistematicamente tais fontes vivas. Isso poderá ser feito de dois modos: através de entrevistas, orientadas por um pequeno formulário; e através de coleta de histórias de vida. As fontes escritas são também muito importantes. São acessíveis e utilizáveis tanto fontes primárias, como documentos e relatórios oficiais, livros de viajantes ou de nativos e coleções de jornais, publicados seja por brancos, seja pelos pretos; quanto fontes secundárias, principalmente de interpretação histórica.

2) Este tópico abrange várias questões, que provavelmente deverão ser analisadas isoladamente: a) origens e difusão das representações coletivas sobre o negro; b) função das representações coletivas sobre o negro (principalmente: elas se associam de fato a atitudes que são manifestadas socialmente no tratamento do negro ou nas conversações dos brancos entre si?); c) condições e causas da perpetuação das representações coletivas sobre o negro em um meio social em urbanização.

As principais fontes de pesquisa, são, naturalmente: a) folclore; b) as "letras" das músicas popularescas. Quanto ao folclore, é possível realizar uma coleta de composições relativas ao negro; além disso, trabalhos publicados anteriormente fornecem meios para uma análise comparativa. Quanto à música popularesca, são várias as coletâneas que permitem uma exploração sistemática do assunto. Esses dados deverão ser completados pela análise sociológica de certas situações sociais em que transparecem, de modo característico, como essas representações interferem no tratamento recíproco dos pretos e brancos entre si.

3) Neste tópico deverão ser reunidos os principais dados estatísticos a respeito da população negra em São Paulo (com relação a todos os caracteres conhecidos). É provável que os dados oficiais sejam insuficientes, principalmente com relação a caracteres como profissão, distribuição espacial, nível de vida, etc. Nesse caso, dentro dos limites do que for possível, os pesquisadores deverão considerar as possibilidades de inquéritos limitados, concernentes a caracteres cujo reconhecimento é indispensável.

**II - Brancos e pretos em uma sociedade de classes:** No presente projeto esta é a parte dedicada à morfologia social, à descrição da constituição e do funcionamento do sistema de relações sociais que apanha em suas malhas brancos e pretos como e enquanto *socii*. As questões que se colocam aos pesquisadores não são, naturalmente, nada simples. Como a população negra se integra ao sistema de classes sociais? Ela forma setores especiais ou está diluída nas classes existentes? As questões relativas aos mecanismos societários de graduação social e de determinação de *status* e papéis caem sob o campo de observação em termos das condições de ajustamentos proporcionados pela situação de contacto em uma sociedade de classes.

1) Este tópico apanha, por assim dizer, os quadros sociais da convivência entre brancos e pretos em São Paulo, na sua forma mais geral. É evidente que os círculos de relações sociais entre brancos e pretos, e a natureza variável dessas relações, se subordinam à organização das classes sociais. Todavia, três problemas se destacam no conjunto: a) as relações dos brancos com os pretos em relação com as diversas classes sociais; b) as relações tangenciais dos brancos com os pretos; c) as relações dos pretos entre si e a composição das classes sociais.

A observação direta constitui, presumivelmente, o melhor instrumento de trabalho. É preciso registrar o maior número possível de situações de contacto entre brancos e pretos, para descobrir as ligações existentes entre elas e a hierarquia social e para assinalar qual é o conteúdo emocional e o caráter das relações sociais descritas. A aplicação de um questionário sobre distinções sociais elaborado por meio da técnica de Lickert, modificada em razão da duração limitada da pesquisa, poderá ser utilmente aproveitada nesse sentido. A observação em massa é um instrumento de trabalho auxiliar de grande importância. Com referência ao aspecto em questão, porém, deve ser aplicada particularizadamente, tendo em vista a obtenção de documentos pessoais fornecidos pelos pesquisadores. A organização dos quesitos de base precisa prever, portanto, os aspectos da convivência entre brancos e pretos que merecem consideração especial.

2) Este tópico tem por objeto a descrição das condições materiais de existência social dos negros em São Paulo. A competição dos pretos com os brancos foi influenciada pela entrada de fortes contingentes de imigrantes. Durante muito tempo, os pretos não conseguiram acesso a profissões ou ocupações de que foram desalojados, ou que surgiram graças à complicação da vida social. Os serviços mais modestos, que exigiam especialização mínima, e eram mal remunerados, representavam normalmente as oportunidades mais amplas dos pretos no mercado de trabalho - tanto para os homens, quanto para as mulheres. A emigração trouxe para a "cidade" novas levas de pretos sem qualificações precisas para uma economia em industrialização. Essa situação, é claro, se refletiu tanto no nível de vida dos pretos, quanto no tratamento que lhes era dispensado pelos brancos; as avaliações negativas, contidas na antiga ideologia racial, encontravam "elementos concretos" de justificação nas próprias condições de vida dos pretos. É preciso saber como os negros reagiram a essas condições de vida: se elas incrementaram o desenvolvimento de uma "contra-ideologia" racial ou favoreceram a integração dos negros às classes sociais.

O estudo desse aspecto deverá ser feito por meios estatísticos, dentro dos limites possíveis; a coleta de dados suplementares, por inquéritos especiais, também será necessária, especialmente no que concerne à distribuição de serviços e de rendas. Através de entrevistas provocativas será possível obter dados que permitam analisar a existência ou não de uma "contra-ideologia" racial e identificar os sentidos em que estão sendo projetadas as noções de lealdade dos pretos. Parece que o estudo de organizações negras e dos objetivos dos movimentos sociais por elas desencadeados com os seus jornais será a principal fonte de dados significativos a respeito.

**III - As manifestações do preconceito racial:** As manifestações do "preconceito de cor" (16) constitui uma das partes centrais do presente

projeto. É claro que as limitações da pesquisa sociológica são muito grandes, em uma sociedade em que o preconceito racial nem sempre se exterioriza e em que, quando isso acontece, ele tende a ser exteriorizado de modo discreto. Isso faz com que a pesquisa sociológica dependa da Psicologia, que poderá fornecer o tratamento por excelência adequado ao conhecimento positivo do assunto. É possível penetrar, no entanto, nesse terreno difícil e complexo, através do estudo sociológico do "comportamento manifesto" de brancos e de pretos. A tática a adotar seria: a) acumulação de dados significativos (ou simplesmente expressivos), sobre as mais variadas situações de contacto de brancos com pretos; b) seleção de dados sobre determinadas situações de contacto ou sobre certas probabilidades de atuação social, com relação às quais se pode presumir de antemão que representam boas pistas para o conhecimento sociológico do fenômeno. Os três tópicos em que se subdivide esta parte do projeto correspondem integralmente à preocupação indicada.

1) Este tópico visa a apanhar todas as situações de contacto entre brancos e pretos que se processam segundo o padrão tradicional de ajustamento: o "preconceito de cor" como algo inerente, em grau variável, ao comportamento dos brancos; e como algo quase sempre aceito passivamente pelos pretos. As situações que caem sob o campo de investigação vão desde a frequência ou a admissão em certos lugares (salão de barbeiro, bares, clubes, etc.), até as relações nos grupos de trabalho, nas igrejas e na família.

A observação direta será uma importante fonte de materiais. Todavia, ela ficará naturalmente confinada a ocasiões que não podem ser provocados. Por isso, precisará ser completada por outros métodos operativos, que no caso não poderão ser designados como "subsidiários": a observação participante e a observação em massa. É óbvio que todos os pesquisadores, e seus auxiliares, podem fazer relatórios de alto valor analítico; ao mesmo tempo, os pesquisados, tanto brancos quanto pretos, poderão fornecer documentos pessoais "orientados" (pelo menos de modo parcial). Ambos os documentos (os fornecidos pelos pesquisadores ou auxiliares e os obtidos dos pesquisados), servirão para abrir algumas pistas à interpretação sociológica dos aspectos psíquicos do "preconceito de cor". Por fim, a utilização de documentação escrita (artigos ou notícias em jornais e revistas, anúncios, obras de ficção, programas ou manifestações de caráter político, etc.), servirá como uma fonte suplementar de dados.

2) Existem "barreiras raciais" em São Paulo? Poder-se-á dizer que sim, desde que se subentenda que não são da mesma espécie que as existentes nos Estados Unidos. Em regra, os negros se encontram diante do seguinte dilema: o acesso a determinadas posições ou serviços é dificultado pela falta de qualificação técnica; mas, a qualificação técnica nem sempre garante a seleção racional, isto é, ela pode ser relegada para segundo plano, por causa da "cor". Ou seja, a carreira social do negro apresenta aspectos peculiares; aqui se evidenciam tanto os efeitos do equipamento cultural tradicional dos pretos, que tem limitado seu horizonte intelectual - prejudicando-os, inclusive, na competição com os brancos, especialmente os imigrantes e seus descendentes - quanto os efeitos inibidores do "preconceito de cor" propriamente dito, o qual interfere na formação de ideais de vida dos negros.

A pesquisa deverá abranger: a) o levantamento de casos, para separar as barreiras institucionalizadas, em número restrito, das barreiras informais; b) um inquérito entre os pretos, através de questionários; c) entrevistas com pretos e com brancos, escolhidos entre pessoas cujas respostas possam ser consideradas significativas; d) a coleta de algumas histórias de vida, de personalidades negras escolhidas tecnicamente.

3) São Paulo não constitui exceção à tendência brasileira de fusão racial. O amasiamento e o casamento, bem como aventuras amorosas episódicas, entre brancos e pretos, são frequentes. Porém não se pode afirmar, pura e simplesmente, que a miscigenação e o intercasamento sejam índices positivos da ausência de "preconceito de cor". Além disso, parece que a miscigenação, se processando em geral fora do casamento, indica um estereótipo da "mulher de cor" como fonte somente de prazer sexual. Casos bem conhecidos mostram que nas famílias mais misturadas, principalmente naquelas que possuem posição social elevada, é que o preconceito racial surge com maior intensidade e violência. Além disso, a miscigenação e o intercasamento encontram um freio no preconceito racial. Isso quer dizer que, com relação a São Paulo, os raciocínios com base nos casos positivos deverão ser revistos pelos raciocínios com base nos casos negativos.

Daí, presume-se, as estatísticas apenas poderão fornecer um quadro geral e muito tosco da situação real das relações entre brancos e pretos. Será preciso estudar a miscigenação entre brancos e pretos empregando também outros meios de pesquisa; o estudo de caso, principalmente, poderá produzir novos resultados se for empregado na investigação: a) de famílias de "posição social" que possuam antecedentes negros, com preferência pelas que contem com "ovelhas negras" entre os seus componentes; b) de situações sociais criadas pela oposição dos pais ou dos irmãos ao casamento com pretos; c) dos "falatórios" provocados pelo amasiamento ou casamento de brancos com pretos; d) dos motivos que conduzem brancos e pretos a se casarem, a se amasiarem ou a coabitarem transitariamente.

**IV - Os efeitos do preconceito racial:** É um lugar comum a afirmação de que o "preconceito de cor" não se associa, no Brasil, nem à discriminação racial, nem à segregação racial. Contudo, apesar de encoberto, brando e discreto, ele satisfaz aqui como alhures a necessidades sociais. Os brancos, à medida que se incorporam a "classes dominantes", do ponto de vista racial, não sentem o peso e os efeitos do "preconceito de cor". O mesmo não acontece com os negros, que aprendem desde cedo "a ficar em seu lugar" e isso quase sempre por meio de humilhações, de ressentimentos e de frustrações, que passam despercebidos à maioria dos brancos.

1) Este tópico envolve tanto a análise da educação na escola, quanto *em casa*, nos grupos de folguedo, nos grupos de trabalho e nas demais situações de convivência humana (nos clubes, nos bares, nos bondes, nas visitas a amigos ou parentes, etc.). O que importa não é a forma de, incorporação propriamente dita de sentimentos, idéias e ideais às personalidades dos brancos e dos pretos; mas a função psíquica delas, em particular no que diz respeito às auto-avaliações e autojustificações, às atitudes etnocêntricas ou às atitudes autoritárias e de submissão. O "preconceito de cor" possui dois aspectos que precisam ser igualmente considerados: de um lado, ele dá ao branco o ensejo de considerar suas atitudes e suas ações com relação ao negro como coerente com os padrões de moralidade e de dignidade humana da sociedade em que vive; de outro, ele compele o negro à submissão e à agressividade, ao mesmo tempo, na interação com os brancos: a exteriorização de sentimentos de uma ou de outra espécie ficam dependendo da posição social dos sujeitos e das condições externas de ajustamento recíproco.

A análise dos livros escolares, especialmente os adotados nas escolas primárias (inclusive os antigos manuais de "educação moral e cívica"), e

a observação direta de situações de convivência na escola, nos grupos de folguedo, na família, nos grupos de trabalho, etc., poderão fornecer dados a respeito do processo de socialização. O outro aspecto precisará ser estudado através de documentos pessoais, obtidos pela observação em massa e por meio de entrevistas. À medida do possível, as entrevistas deverão ser orientadas por perguntas altamente provocativas (quando o pesquisador for "branco", especialmente) e ser realizadas sob a forma de *conversas ocasionais*.

2), 3) e 4) Estes tópicos são mais interpretativos e os materiais para a sua elaboração deverão provir dos demais. No entanto, 2) comporta uma exploração especial da etiqueta das relações raciais e das atitudes exclusivistas dos brancos (inclusive; imigrantes e seus descendentes), no que tange a certas profissões ou serviços. Isso terá que ser feito por meio de estudo de situações histórico-sociais, observadas diretamente, e de entrevistas; 3) envolve uma particularização do tópico anterior, e nesse sentido depende do conhecimento de situações histórico-sociais de determinada natureza. Como a observação direta sofre sérias limitações em uma pesquisa de duração limitada, convém lançar mão de duas modalidades desse método, mais plásticas: a observação participante e a observação em massa. A experiência com casos de autocontrole (seja o sujeito branco ou preto), relacionadas com "o preconceito de cor", é quase corriqueira. Ambos os métodos operativos poderão ser frutiferamente aplicados em São Paulo; 4) por fim é um tópico cujo conhecimento depende extensamente da aplicação do método histórico. Mas a documentação escrita deverá ser completada, necessariamente, pela coleta de informações concernentes à ascensão social de determinadas pessoas de "cor".

**V - Impactos da mudança social:** As demais partes do projeto (mas especialmente II e IV) se caracterizam pela preocupação evidente de dar a menor ênfase possível aos efeitos da mudança social. Isso se justifica: é que estamos em uma fase de transição. O estudo feito em um tal momento, tanto pode servir para caracterizar uma situação que tende a desaparecer, mas que é representativa do passado; quanto o de constituir uma contribuição para o conhecimento de algo que está em emergência ou em desenvolvimento incipiente. O pesquisador pode pôr mais ênfase em um ou em outro aspecto da realidade investigado, de acordo com as conveniências do estudo.

O estudo dos efeitos da mudança social sobre o "preconceito de cor" em São Paulo se apresenta, de certa maneira, como um estudo da desagregação da antiga ideologia racial na sociedade de classes que está se desenvolvendo. É preciso conhecer objetivamente quais são os elementos da antiga ideologia racial que tendem a conservar-se. Porque isso ocorre. E, finalmente, em que sentido está se transformando a situação social dos negros e que relação existe entre essa transformação e o preconceito racial.

1) Este tópico é seriamente prejudicado pela falta de investigações anteriores sobre os processos sociais em questão. Todavia, não seria difícil pôr em relevo, embora descritivamente, a ligação do desenvolvimento industrial e urbano de São Paulo com a atração de populações negras do interior do Estado ou de outros Estados, com o aumento das oportunidades profissionais dos pretos e com a elevação de seu nível de vida. Do mesmo modo, será fácil verificar-se, de forma descritiva, se a seleção racional (concursos públicos, escolha pelas aptidões, etc.) e o solapamento das tradições em vários setores da vida social têm ou não contribuído para alargar o círculo de relações sociais e as oportunidades coletivas dos pretos. A urbanização, a industrialização e a secularização da cultura refletem condições de existência social incongruentes, pelo menos parcialmente, com os antigos critérios de atribuição de *status* e papéis e com a função do "preconceito de cor" no mundo rural em desagregação. Necessidades econômicas e políticas impelem os negros para a órbita da vida social dos brancos. Contudo, essas mesmas circunstâncias parecem ligar-se a outros efeitos: certos grupos encontram na nova sociedade urbana condições para perpetuar o preconceito racial em São Paulo; e os fracassos, provocados pelo desajustamento (relativo e transitório) às condições de vida social urbana, servem para ilustrar a "incapacidade" dos negros, confirmando aos olhos dos brancos estereótipos raciais antigos.

A utilização da estatística deverá ser tão ampla quanto o permitirem as fontes existentes. Mas, o método operativo fundamental será a observação direta, conduzido sob a forma de estudo de situações histórico-sociais e de pequenos inquéritos (nos lugares de trabalho e nas áreas de vizinhança). A aplicação de entrevistas será indispensável, com a vantagem de ser pouco importante, no caso a seleção prévia de informantes com relação à cor. Doutra lado, a observação em massa poderia ser aplicada entre os pretos, com o objetivo de colher documentos sobre as rendas e o consumo nas famílias negras de São Paulo, com especificação dos dados desde uma época determinada.

2) O desenvolvimento industrial e urbano de São Paulo está modificando as condições de ajustamento inter-racial e, por conseguinte, o sistema de relações raciais. Como se trata de um processo incipiente, o presente tópico é dedicado ao estudo das evidências mais positivas. Quatro são os problemas que provavelmente merecerão atenção particular: a) a especialização, a elevação do nível de vida e a ascensão social dos elementos negros; b) a formação de movimentos sociais de conteúdo ideológico racial ou educativo; c) o alargamento dos círculos de convivência social entre brancos e pretos (nas escolas, nos clubes, nos partidos, etc.) o qual favorece o conhecimento recíproco e a transformação do caráter dos contactos (de categorico para simpático); d) a crescente indecisão dos brancos, em vários setores da sociedade, os quais não sabem, via de regra, como comportar-se diante dos "indivíduos de cor" que "forçam a situação". A intensificação da influência norte-americana provocou um verdadeiro reboiço nessa esfera ideológica, quer entre os brancos, quer entre os pretos. Aqueles, cujas atitudes interessam aqui especialmente, ou tomam uma posição mais radical (provavelmente solicitados por interesses sociais), ou se vêm impelidos a desaprovar abertamente o "preconceito de cor". O fato é que a consciência da inexistência de uma superioridade real inata dos brancos se estende cada vez mais. O futebol, o rádio e agora também o teatro constituem esferas de sucesso marcante para os negros. A idéia de que os pretos são especialmente dotados para "certas coisas" está substituindo as antigas noções de que não o seriam "para nada", ou que o seriam, mas no mau sentido, ou de que só seriam aproveitáveis no serviço doméstico.

Aos métodos operativos indicados no tópico anterior seria necessário acrescentar o estudo de caso. Na verdade, o presente tópico abrange problemas cuja investigação depende da aplicação em larga escala do estudo de caso: a movimentos sociais de conteúdo racial; a situações de convivência ou de participação de atividades sociais, em grupos como os clubes, os partidos, as escolas, etc.; a atitudes de pessoas brancas em face dos pretos.

3) Este tópico também compreende várias questões: 1) quanto ideologia racial: a) aspirações ou ideais dominantes entre os brancos; b) aspirações ou ideais dominantes entre os pretos; c) desenvolvimento de atitudes raciais contraditórias. 2) Quanto às tendências de

reintegração da ideologia racial em São Paulo: a) confronto dessas aspirações ou ideais com a antiga ideologia racial; b) confronto dessas aspirações ou ideais com os interesses sociais de círculos sociais ou grupos étnicos em que se mantém ou se intensifica o "preconceito de cor"; c) confronto dessas aspirações ou ideais com a situação social atual da população negra.

A entrevista, especialmente sob a forma de *conversa ocasional provocativa* mas "controlada", deverá ser a principal técnica operativa a ser empregada. Em segundo lugar, vem o aproveitamento de documentos escritos, como os artigos de jornal ou de revistas, as manifestações dos partidos políticos, etc. Por fim, seria conveniente combinar a utilização da observação direta passiva (registro de conversas ouvidas em circunstâncias variadas) com o estudo de caso. É provável que algumas situações sociais ou o ambiente vivido em determinados grupos sociais mereçam atenção particular. Então seria aconselhável analisá-los de modo mais metucioso.

## Notas

(\*) Trabalho elaborado e redigido, originalmente, por Florestan Fernandes. Lido e discutido por Roger Bastide, foi editado, em colaboração, sob o título acima, como publicação número 118 do Instituto de Administração da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas da Universidade de São Paulo (abril de 1951).

(1) Cf. G. W. Allport, *Prejudice: a Problem in Psychological and Social Causation*, The Journal of Social Issues, Supplement Series n.º 4.

Novembro de 1950. Convém observar que a seleção dos aspectos do fenômeno para investigação científica varia de acordo com a orientação metodológica adotada, o que forçosamente se reflete na conceptualização. Nesse sentido, é muito sugestiva a condensação de teorias sobre o preconceito, empreendida por A. M. Rose (cf. *Problems of Minorities*, p. 402-425; in *Social Problem* org. por F. B. Merrill, Alfred A. Knopf, Nova York, 1950).

(2) Entre as obras publicados a respeito, os autores gostariam de mencionar especialmente as seguintes: H. R. Cayton e S. C. Drake, *Black Metropolis. A Study of Negro Life in a Northern City*, Harcourt, Brace and Co., Nova York, 1945; A. Davis e J. Dollard, *Children of Bondage: the Personality Development of Negro Youth in the Urban South*, American Council on Education, Washington, 1940; A. Davis, B. B. Gardner e M. R. Gardner, *Deep South: a Social Anthropological Study on Caste and Class*, The Chicago University Press, Chicago, 1941; J. Dollard, *Caste and Class in a Southern Town*, Yale University Press, New Haven, 1937; B. W. Doyle, *The Etiquette of Race Relations in the South*, The University of Chicago Press, Chicago, 1937; E. F. Frazier, *The Negro Family in the United States*, The University of Chicago Press, Chicago, 1939, idem, *The Negro in the United States*, The Macmillan Co., Nova York, 1949; G. Myrdal, *An American Dilemma, The Negro Problem in Modern Democracy*, Harper & Brothers Publishers, Nova York e Londres, 1944; A. M. Rose, *The Negroes' Morales, - Group Identification and Protest*, University of Minnesota Press, Minneapolis, 1949; W. L. Warner, B. H. Junker, e W. A. Adams, *Color and Human Nature: Negro Personality Development in a Northern City*, American Council on Education, Washington, 1941. O leitor encontrará uma bibliografia completa em Myrdal (*op. cit.*, vol. 11, p. 1144-1180).

(3) Cai-se, assim, na orientação dos estudos de Marcel Mauss, sem no entanto fazer do método comparativo o próprio eixo da investigação.

(4) Max Weber, em particular, critica-o com veemência na introdução de *Economia e Sociedade*.

(5) *Les Règles de la Méthode Sociologique*, 10ª edition, Presses Universitaires de France, 1947, p. 111; grifado no texto.

(6) Sobre a conotação do termo preconceito cf. especialmente G. W. Allport, *loc. cit.*

(7) R. E. Park, introdução a J. F. Stainer, *The Japanese Invasion*; citação extraída de *Introduction to the Science of Sociology*, The University of Chicago Press, Chicago, 1921, p. 625-626.

(8) Tomando-se o termo "raça" no sentido sociológico, e não no da Antropologia física. Como escreve Myrdal, referindo-se à situação de contacto norte-americana, "a definição de "raça negra" é um conceito social e convencional, e não biológico. A definição social, e não os fatos biológicos, é que determina atualmente o *status* de um indivíduo e sua posição nas relações inter-raciais" (cf. *op. cit.*, vol. I.,

p. 115). Ainda não se determinou no Brasil, qual é o significado social do conceito. A expressão "homem de cor" (ou outras, equivalentes) é geralmente empregada para designar negros e mestiços; porém, pessoas com ancestrais pretos conhecidos e portadores de alguns traços negróides salientes, freqüentemente passam por "brancos", e são traíulos como tal.

(9) Em virtude das razões indicadas, a definição do fenômeno contará entre os resultados teóricos da investigação, representando uma das contribuições dos autores ao estudo sociológico do preconceito racial. Todavia, convém ressaltar que o procedimento de conceptualização adotado tem um mérito (que infelizmente não pode ser discutido aqui), o de impedir a tendência à substancialização do conceito, tão frequente nos trabalhos sobre o fenômeno. Provavelmente, essa tendência é produzida pelos impactos do meio social ambiente, como ilustram trabalhos sociológicos que tratam do problema no Brasil.

(10) D. Pierson, *Branços e Pretos na Bahia, Estudo de Contacto Racial*, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1945, p. 402. As afirmações contidas nesta obra constam de outro trabalho do autor e são apresentadas como válidas para todo o Brasil (cf. D. Pierson, *Le Préjugé Racial d'Après l'Etude des Situations Raciales*, in *Bulletin International des Sciences Sociales*, vol. II, n.º 4, 1950, p. 488-500).

(11) D. Pierson, *op. cit.*, p. 414 e 415, respectivamente.

(12) O que, em determinadas camadas sociais, contribui para transformar a natureza dos contactos entre brancos e pretos (de "categóricos" em "simpáticos").

(13) O que, evidentemente, constitui uma condição fundamental na luta dos negros contra o "preconceito de cor".

(14) Para os especialistas, dois tipos de atitudes merecem um exame prévio. Primeiro, o modo veemente com que se pretende negar, em determinados círculos sociais, a existência de "preconceito de cor" em São Paulo. Segundo, a desaprovação aberta (muitas vezes exteriorizada de modo brusco), com que são recebidas as pesquisas sobre a *Situação real* do negro. Há alguns anos, o delegado de Sorocaba se mostrou irritado com um dos autores, porque fora aquela cidade estudar as manifestações locais do "preconceito de cor". Asseverou, então, que se perdia muito tempo "com essa bobagem de estudar negros". Na Capital, um homem ilustre e que se tem dedicado com entusiasmo ao desenvolvimento das ciências sociais no Brasil criticou severamente um dos autores, por causa da mesma preocupação. Segundo afirmou, teme que tais pesquisas possam exercer uma influência nociva, criando um ambiente desagradável para os negros e seus descendentes mestiços, como existe nos Estados Unidos.

(15) Explica-se, assim, porque o preconceito racial pode manifestar-se em combinação com outras formas de preconceito, como o preconceito religioso, o preconceito de classe, o preconceito de castas, etc. Contudo, quando a condição de *branco* ou de *negro*, por exemplo, deixa de interferir no tratamento ou nos julgamentos recíprocos dos agentes, então, correlatamente, o preconceito racial, deixa de existir. Só nesse sentido é que se poderia interpretar a afirmação de que o "preconceito de cor", constitui, no Brasil, um preconceito de classe. Se isso acontecesse, a "cor" não teria nenhuma importância ou significado nas relações dos brancos com os pretos; em seu tratamento ou em seus julgamentos recíprocos apenas se poderiam reconhecer os símbolos representativos das posições sociais e dos ideais de vida, ligados à hierarquia social produzida pela organização da sociedade em classes sociais.

(16) A expressão "preconceito de cor" é empregada comumente em São Paulo, subentendendo-se que o termo "cor" se aplica aos negros e aos seus descendentes mestiços mais escuros. Talvez seja conveniente utilizá-la no presente estudo. Nesse caso, o termo preconceito racial só deveria ser empregado em sentido técnico, nas explanações de caráter teórico.

---

## 8 - PROJETO DE PESQUISA